

«MacLean é genial e uma das melhores autoras
de romances de época.» *Vulture*

SARAH MACLEAN



SÉRIE
HELL'S BELLES
VOLUME I



UMA LADY ESCANDALOSA

TOP
SEL
LER

Prólogo



Sesily

Jardins do Prazer de Vauxhall

Outubro de 1836

Só com a aproximação da mulher de andas é que Sesily Talbot percebeu que alguém brincava com ela.

Devia tê-lo percebido assim que saiu do barco e atravessou as comportas dos Jardins do Prazer de Vauxhall, quando uma bailarina, vestida como um enorme pavão, com uma magnífica cauda colorida, aberta como se fosse uma fileira de casas de Marylebone, a agarrou e a puxou para o recinto de dança.

Ali, a bela ave conduziu-a para uma louca e rodopiante dança escocesa. Como Sesily nunca fora pessoa de recusar uma dança, aceitara alegremente o convite, acabando sem fôlego e afogueada, apesar da noite fresca de outubro, e abandonando a diversão para se dirigir a um sítio mais calmo. Um sítio onde pudesse agarrar-se à sua solidão. Manter os seus segredos.

Sesily não estava há mais de um minuto no escuro quando a cuspidora de fogo a encontrou, bloqueando o caminho que voltava sob uma teia de cordas esticadas, convidando os transeuntes a embrenharem-se mais profundamente na extravagância impúdica dos jardins.

Por detrás da artista que bloqueava o avanço de Sesily, brilhavam lanternas de papel vermelho, deliciosamente tentadoras. O seu rosto estava pintado de branco, como um palhaço, e os seus

vivazes olhos azuis brilharam quando ela se aproximou da tocha e inflamou a noite escura.

Sesily sabia qual era o seu papel e não hesitou em soltar um *oh* e um *ah*, deixando a artista pegar-lhe na mão com uma funda vénia e um encantador «Não é este o caminho, *milady*». Conduziu Sesily de volta para a luz, para longe do caminho que ela procurava.

Devia ter-se apercebido, logo ali, de que era um peão.

Um peão, não. Uma rainha. Ainda assim, um joguete.

Ela não se apercebeu. Mais tarde, interrogar-se-ia sobre a sua ignorância naquele momento — rara, para os seus 28 anos. Rara para alguém que se regozijava em saber com que linhas se cosia. Rara em alguém que fizera missão de vida ser quem faz rolar os dados, quem faz girar a roleta.

Ao invés, durante a hora seguinte, fora ela, Sesily Talbot, quem tinha andado às voltas.

Atraída por uma vidente.

Entretida por um par de mimos.

Divertida por um lascivo espetáculo de fantoches.

E sempre que tentava encontrar um novo caminho, um que a embrenhasse mais nos jardins, para longe do espetáculo formal e em direção ao tipo de diversão que dava azo a boatos e escândalo, que mantinha a sua mente longe do vazio que sentia no peito, era interceptada — constantemente desviada de aventuras mais imprudentes.

Aventuras essas mais apropriadas para a sua reputação: Sesily Talbot, escândalo ambulante, beldade roliça, herdeira indomada e rainha das aventuras imprudentes, a quem a maior parte de Londres chamava *Sexily* quando julgava que ela não estava a ouvir (como se isso fosse uma coisa *má*).

Aos 28 anos, Sesily era a segunda filha mais velha, e única filha solteira, do extremamente rico Jack Talbot, um mineiro de carvão de origens humildes que se ergueu da fuligem para ganhar um título ao Príncipe Regente num jogo de cartas. Como se isso não fosse suficiente, o recém-cunhado Conde de Wight lançara o caos na aristocracia com a sua exuberante esposa e cinco filhas perigosas a reboque. Filhas que tinham escandalizado a sociedade até terem conseguido casamentos invejáveis: as Borrallheiras dos Esses — Seraphina, Sesily, Seleste, Seline e Sophie —, batizadas

em honra do pó negro em que tinham nascido, reinavam agora sobre Londres como duquesa, marquesa, condessa e mulher do mais rico criador de cavalos de Inglaterra.

E depois havia Sesily, que passara uma década a desprezar tradições e títulos, regras e regulamentos. E era por isso, obviamente, a mais perigosa das irmãs. Porque não tinha interesse nos jogos que a aristocracia jogava. Não se preocupava com os falsos opositores que a fitavam no extremo oposto dos salões de baile. Não partilhava dos objetivos da restante sociedade.

Sesily, a imprudente.

Ela não se relegava para a prateleira das solteironas, nem para as imediações de Mayfair, onde as raparigas arruinadas terminavam os seus dias.

Sesily, a louca.

Ao invés, continuava rica, titulada, feliz, e, ao que parecia, sem interesse nas opiniões dos que a rodeavam. Sem desejo (ou capacidade) de ser domesticada por mãe, irmã, companheiro ou comunidade.

Sesily, a escandalosa.

A censura não resultava. Nem o desprezo. Nem a reprovação. O que deixava a sociedade sem outra escolha a não ser aceitá-la.

Sesily, a entediada.

Não. Entediada, não. Pelo menos, esta noite. O tédio podia tê-la conduzido a Vauxhall, mas não sozinha. Teria ido com uma amiga. Com uma dúzia. Teria ido em busca de divertimento ruidoso e de alguns sarilhos, mas não era nada disso o que queria esta noite. O que a consumia esta noite fazia-a desejar o pior género de sarilhos. Tentá-los. Gritar-lhes.

Sesily, a frustrada. Sesily, a zangada.

Sesily, a embaraçada.

Da pior maneira possível. Por um *homem*. Um homem alto, de ombros largos e olhos verdes, irritante, em mangas de camisa, colete e talvez um tolo chapéu ao estilo americano, totalmente inadequado para Mayfair, mas extremamente adequado para revelar o ângulo de um queixo muito definido. Demasiado definido. Extremamente grosseiro.

O único homem que alguma vez quisera e não conseguira conquistar.

E ainda lhe chamavam Sesily, a ela.

Mas recusava-se liminarmente a sofrer os seus desapontamentos em público. Isso era o género de coisa que outras pessoas faziam, não Sesily.

Sesily Talbot levantara-se, pintara o rosto e dirigira-se a Vauxhall.

Claro, se nessa noite em particular não estivesse tão ocupada a sofrer o seu desapontamento em privado, teria percebido que era observada, manipulada e guiada muito antes de a mulher das andas surgir por entre as sombras das árvores altas que ladeavam o caminho para a parte de trás de Vauxhall. O Passeio Negro.

Na década que Sesily já levava a frequentar Vauxhall, a maioria das suas visitas envolvera escapar à vigilância de pai, acompanhante, irmã ou amiga e lançar-se pelo caminho escuro que conduzia ao lugar onde os eventos passavam de artísticos a privados. Para longe dos fogos de artifício e dos números circenses e dos balões de ar quente, para algo mais impúdico. Algo que poderia ser considerado sórdido.

Em todos esses anos, não encontrara, uma única vez, um artista tão dentro do caminho. Tão embrenhado na escuridão.

Menos ainda quando o relógio se aproximava da meia-noite, na última semana da temporada de Vauxhall, quando o tardio da hora em nada diminuía o número de pessoas nos jardins, e levava os artistas a estarem ocupados a entreter a multidão de foliões maravilhados com a pura e luxuriante tentação do lugar.

No entanto, já encontrara uma bailarina, uma cuspidora de fogo e, agora, uma mulher de andas, com uma peruca enorme, maquilhagem exagerada e sorriso deleitado, e o «Não é este o caminho, *milady*».

Foi quando Sesily percebeu.

Parou abruptamente, levantando a cabeça para admirar a artista, muito mais alta que ela, quase impossivelmente vestida com pesadíssimas e magníficas saias — saias que ameaçariam fazer cair uma mulher perfeitamente normal que caminhasse sobre os próprios pés.

— Quer dizer que esta noite não há *nenhum* caminho?

Uma grande gargalhada, ampliada ao ser projetada lá do alto, do escuro, levada pela fresca brisa de outono e pontuada pelo brilhante fogo de artifício que tinha começado noutra parte dos jardins, convidando ao encantamento das massas.

Sesily não estava interessada nos padrões que dançavam no céu.

— Ou será que esta noite há um caminho diferente para mim?

A gargalhada transformou-se num sorriso cúmplice, e a mulher das andas virou as costas. Claro que Sesily a seguiu, imaginando-se de repente uma seta disparada de um arco para longe do alvo que escolhera, apontada para outro sítio. Outra coisa.

E apesar de a raiva e a frustração, e aquela outra coisa que nunca admitiria sentir, ainda lhe arderem no peito, Sesily não conseguiu conter o seu próprio sorriso.

Já não estava entediada.

Não se sentia entediada enquanto seguia a gigante por entre as árvores, em direção a uma luz distante que piscava e brilhava mais e mais, até alcançarem uma clareira onde Sesily nunca estivera. Aí, numa plataforma elevada, estava uma ilusionista, e não era pequeno o seu talento, considerando que desafiava o fogo de artifício e conquistava a atenção da audiência, extasiada, apertada em seu redor, enquanto fazia levitar um cão diante dos seus olhos.

O seu olhar detetou a mulher de andas e deslizou imediatamente para Sesily, sem um mínimo pestanejar de surpresa, completando o truque e libertando o cão com um aceno de mão e um pedaço de carne seca.

Um forte aplauso explodiu através da clareira enquanto ela fazia a sua vénia, profunda e rápida, honrando a verdade de todos os artistas: sem público, não eram nada.

A audiência em questão foi então libertada para aproveitar o resto da noite, sentindo uma pressa de encontrar outro espetáculo mais urgente do que o habitual — cientes de que disputavam de poucas horas antes de os jardins fecharem, encerrando a temporada.

Momentos depois, Sesily estava sozinha com a ilusionista e o seu cão, tendo a mulher de andas desaparecido na noite.

— Minha senhora — disse a ilusionista, pronunciando o honorífico de forma tão límpida como o céu noturno, e preenchendo o espaço entre elas com o seu fácil sotaque italiano. Sabia quem era Sesily. Tinha estado à sua espera, tal como todos os outros nessa noite. — Seja bem-vinda.

Sesily aproximou-se, consumida pela curiosidade.

— Vejo agora que não lhe tenho dificultado a noite. Tem-me mantido à distância. Até dispor de tempo para mim.

— Até lhe podermos dar o tempo que merece, minha senhora.
— A ilusionista fez uma vénia, extravagante e profunda, recolhendo do chão uma pequena caixa dourada e pousando-a no centro da mesa entre ambas.

Sesily sorriu, olhando o cão aos pés da artista.

— Fiquei muito impressionada com a sua atuação. Calculo que não vá dizer-me como funciona a ilusão?

Os olhos verde-dourados da mulher brilharam à luz da lanterna.

— Magia!

Era mais jovem do que Sesily avaliara, tendo o seu capuz negro ocultado o que agora reconhecia como uma cara bonita e fresca que decerto fazia virar cabeças.

Sendo alguém que se orgulhava da sua própria capacidade de fazer virar cabeças, Sesily admirou a beleza única da outra mulher.

Enfim, ela, no entanto, não conseguira virar a única cabeça que alguma vez quisera realmente virar.

Virara tão pouco essa cabeça, que esta se encontrava num barco a caminho de Boston naquele preciso momento.

Afastou esse pensamento.

— Consegui hipnotizar o público todo.

— O mundo aprecia espetáculo — respondeu a mágica.

— E, no espetáculo, não conseguem ver a verdade. — Sesily sabia disso melhor do que a maioria.

— É esse o segredo — disse a mulher abrindo a caixa, exibindo nos dedos uma coleção de brilhantes anéis de prata. — Quer que lhe mostre outro truque?

— Claro — respondeu Sesily, abrindo um grande sorriso para esconder o matraquear imediato do seu coração.

Mais cedo, nesse dia, tivera a sensação de estar diante de um precipício, num daqueles raros momentos na vida de uma pessoa em se sabe ir existir um *antes* e um *depois*. Mas isso fora uma sensação no seu coração. Que diminuía. Que se aquietara. Até que o momento se desvaneceria e ela teria dificuldade em recordar os detalhes.

Aquilo tinha sido emoção.

Isto... isto estava na sua cabeça.

Isto era verdade.

Não hesitou em enfiar a mão dentro da caixa, arranhando com os dedos o carvalho macio do seu interior. Retirando a mão, disse:

— Vazia.

As sobrancelhas da mulher ergueram-se com uma sedução encantadora. Fechou a tampa de madeira com um puxão firme e depois passou a mão sobre a caixa antes de voltar a abri-la.

— Tem a certeza?

Deliciada e curiosa, Sesily voltou a colocar a mão dentro da caixa, sustentando a respiração enquanto removia uma pequena moldura oval de prata. Virando o retrato nas mãos, inclinou-o para a luz.

Ficou surpreendida.

— Sou eu.

Uma inclinação de cabeça.

— Então sabe que se destina a si.

A interceção. A maquinação. A manipulação. A forma como o seu caminho fora cartografado durante essa noite. Apertou os dedos em volta do pequeno retrato, sentindo a moldura de prata a arranhar-lhe a pele.

Mas porquê?

Como se pudesse ouvir a pergunta, a ilusionista passou os dedos sobre a aba do chapéu e inclinou-o para ela. Sesily procurou no seu interior, sentindo o coração na boca e a respiração acelerada.

Aqui, agora, tudo estava prestes a mudar.

Inicialmente, pensou que o chapéu estava vazio, acariciando com as pontas dos dedos o tecido macio, procurando. Encontrando.

Extraiu um pequeno cartão de cor crua.

Erguendo-o para a luz, notou um sino ornamentado gravado de um dos lados e uma morada de Mayfair no canto inferior esquerdo.

Virou-o e a caligrafia, forte e segura, trespassou-a como uma brasa.

Não é este o caminho, Sesily.

Há um melhor.

Vem visitar-me.

Duquesa

Capítulo 1



South Audley Street, Mayfair
Casa de Londres da Duquesa de Trevescan

Dois Anos Depois

— **É** como assistir a um acidente de carruagem. Atrás da mesa de refrescos, Lady Sesily Talbot contemplava a amálgama de aristocratas presentes no baile de outono da Duquesa de Trevescan, comentando-a alegremente, para gáudio da sua amiga e anfitriã. De facto, Sesily tinha dificuldade em afastar o olhar da multidão de vestidos — cada um deles único e pavoroso à sua maneira.

Corria o ano de 1838, e embora as senhoras da aristocracia tivessem finalmente sido abençoadas com decotes impudicamente cavados e espartilhos que lhes apertavam bem os ossos — algumas das coisas favoritas de Sesily —, aqueles que decidiam a tendência da moda tinham decidido amaldiçoar quem usava vestidos com rendas e enfeites e retroses, fitas de cores garridas e flores empilhadas, idênticas às dos bolos de vários andares na Corte.

Sesily apontou uma infeliz debutante perdida num mar de escumilha vermelha-alaranjada.

— Aquela parece vir embrulhada nos reposteiros do quarto da minha mãe. — Fez um ruído de reprovação. — Retiro o que disse. Não é um acidente de carruagem. É um salão de baile cheio deles. Decerto que a história nos julgará duramente devido a estas modas.

— Poderão chamar-se *modas*?

À sua direita, a Duquesa de Trevescan, a mais adorada anfitriã de Mayfair, se bem que nenhum membro da aristocracia alguma vez o admitisse, sacudiu uma migalha invisível do seu deslumbrante corpete cor de safira, cerrando os lábios arrojadamente pintados e examinando com olho clínico a multidão.

— A única explicação é que a nova rainha despreza o seu sexo. Por que outro motivo escolheria transformar *isto* nos estilos do dia? O objetivo é, claramente, deixar-nos a todas com um aspeto atroz. Olha para aquela. — Sesily apontou uma touca particularmente infeliz, uma gigantesca criação oval que envolvia o rosto de uma jovem, fazendo-a parecer não menos do que uma amêijoia adornada com várias camadas de renda e penas cor-de-rosa. — É como se ela estivesse a nascer outra vez.

A duquesa engasgou-se a meio de um gole de champanhe.

— Santo Deus, Sesily.

Sesily fitou-a, a imagem da inocência.

— Prova-me que estou errada. — Não conseguindo a duquesa fazê-lo, acrescentou: — Vou pedir à minha modista que envie à pobrezinha qualquer coisa que a deixe *deslumbrante*. Juntamente com um convite para uma queima de toucas.

A duquesa soltou riu e disse:

— A mãe nunca te deixará aproximar da filha.

Essa parte era verdade. Sesily nunca fora apreciada pelas mães aristocratas, e não só por se recusar a usar as modas da estação. Independentemente da sua linda seda malva, Sesily era universalmente aterrorizadora para a aristocracia por outros, esperava ela, muito mais inquietantes, motivos.

Sim, ela era filha de um mineiro tornado conde e de uma mulher bastante rude e, de certa forma, difícil, que nunca fora bem acolhida na sociedade londrina. Mas também não era esse o motivo. Não, o medo particular que Sesily provocava devia-se ao facto de ter 30 anos, ser solteira, rica e mulher. E, pior, ser tudo isso sem ponta de vergonha. Nunca planeara esconder-se até ao fim dos seus dias. Nem sequer se refugiara no campo. Pelo contrário, ia aos *bailes*. Com decote profundo e sedas justas que de modo algum se pareciam com bolos. Sem toucas feitas para debutantes ou solteironas.

E isso fazia dela a mais perigosa de todas as Filhas Perigosas do Conde de Wight.

Que ironia: apesar de a Rainha Vitória se sentar no seu trono a pouco menos de um quilómetro de Mayfair, toda a aristocracia tremia de medo diante de mulheres que se recusassem a ser embrulhadas e despachadas quando envelheciam, que se recusassem a casar ou não demonstrassem interesse nas regras e normas do mundo dos títulos.

E Sesily não tinha interesse no universo decente e prescrito da aristocracia. Não quando havia tanto do resto do mundo para viver. Para mudar.

Talvez, anos antes, quando ela e as irmãs chegaram a Londres com fuligem no cabelo e o Norte no sotaque, tivesse sido possível envergonhá-la. Porém, muitos anos de demasiados olhares desdenhosos e línguas venenosas tinham surtido o seu efeito, e Sesily aprendera rapidamente que a censura da sociedade tanto podia abafar a luz das estrelas mais brilhantes, como fazê-las brilhar mais...

E ela fizera a sua escolha.

Fora por isso que a Duquesa de Trevescan a convocara para ali, para South Audley Street, dois anos antes, e lhe oferecera algo mais do que um vestido de seda engomada e um penteado perfeito. É certo, Sesily ainda tinha essas coisas — reconhecia uma armadura quando a via —, mas ao colocar o vestido, era tão possível que se dirigisse a um canto escuro de Covent Garden como a um brilhante salão de baile em Mayfair.

Afinal, era nos cantos escuros que Sesily deixava a sua marca, juntamente com um grupo de outras mulheres reunidas pela duquesa, que não demorara a considerar amigas.

Tendo casado demasiado jovem com um duque que preferia o isolamento da sua propriedade nas ilhas Scilly, a Duquesa de Trevescan recusou desperdiçar a sua juventude em semelhante solidão, tendo, ao invés, escolhido viver na cidade, numa das casas mais extravagantes de Londres. Quanto ao que ali fazia, o que o duque ignorava não o magoava, como gostava de dizer.

Contudo, o que o duque não sabia, sabia-o o resto de Londres... Quando se tratava de escândalos, a mulher designada simplesmente como «A Duquesa», ultrapassava-as a todas.

A promessa de escândalos levava a nata de Londres às suas festas. Adoravam a forma como ela brandia o seu título e oferecia

a ilusão de propriedade, a promessa de coscuvilhices a sussurrar na manhã seguinte e a esperança de que os presentes pudessem reclamar ser próximos desse louco, maravilhoso e sussurrado escândalo... a moeda mais valorizada da humanidade.

Mas valorizar o escândalo não significava que as mães apreciassem a proximidade das filhas com aquelas que o causavam, e, assim, Sesily nunca teria oportunidade de queimar as toucas do batalhão de debutantes que rodopiavam pelo enorme salão de baile dourado.

— Isso é uma pena — disse ela à amiga. — Mas nada temas. Envio-lhe o presente anonimamente. Serei a fada madrinha destas hediondas estampas da moda de 1838, mesmo que as suas mães não me convidem para o chá.

— Tens muito trabalho pela frente. Todas as estampas da moda de 1838 são hediondas.

— Nesse caso, tenho sorte em ser rica. E ociosa.

— Esta noite, não me parece que haja tempo para o ócio — foi a resposta em voz baixa.

O olhar de Sesily dirigiu-se imediatamente ao outro lado da sala, onde uma cabeça loura sobressaía entre as dos restantes foliões. Sem touca, mas merecendo igual destruição.

— Quanto tempo antes de a mensagem ser entregue? — perguntou Sesily.

A duquesa bebericou o champanhe, evitando deliberadamente o foco de Sesily.

— Já não falta muito. O meu pessoal sabe o que faz. Paciência, amiga.

Sesily acenou com a cabeça, ignorando o aperto no peito. A excitação. A aventura. A promessa de sucesso. A antecipação da justiça.

— É a menor das minhas virtudes.

— Deveras? — retorquiu a duquesa. — Julguei que fosse a castidade.

— Confesso. — Sesily dirigiu um sorriso cínico à amiga. — Sou melhor com os vícios.

— Boa noite, Duquesa. Lady Sesily.

A saudação surgiu por trás delas, na voz humilde e quase inaudível da menina Adelaide Frampton, tímida, acanhada, quase se

confundindo com o papel de parede, seguida por suspiros de piedade. *Um patinho feio que nunca chegará a cisne, pobrezinha.*

Embora os cochichos de Mayfair pudessem ferir outra mulher, inferior, essa percepção particular servia perfeitamente a Adelaide, permitindo-lhe passar despercebida em sociedade, poucos notando a forma como os seus calorosos olhos castanhos permaneciam sempre vigilantes por trás dos óculos grossos, apesar de conseguir desaparecer por entre a multidão.

Eram menos ainda os que notavam que, desaparecendo da vista dos outros, ela via tudo.

— Menina Frampton — disse a duquesa. — Espero que esteja tudo bem.

— Bastante bem — disse Adelaide, num tom quase inaudível que se misturava com a brisa fresca que soprava pelas grandes janelas abertas atrás dela. — Está imenso calor aqui, não acham?

Sesily pegou na concha de prata da enorme tigela de cristal, rodando-a várias vezes enquanto reunia coragem para se servir de uma taça do tépido ponche de laranja.

— Isto parece horrível.

— Os eventos que acolhem jovens senhoras exigem *ratafia* — respondeu a duquesa.

— Bem, já não sou uma jovem senhora que requer *ratafia* há...

— Sesily fez uma pausa. — Sabes, acho que nunca exigis *ratafia*.

— Nasceste com capacidade de aguentar o álcool?

Sesily sorriu para a amiga.

— Os semelhantes atraem-se, é caso para dizer.

A duquesa suspirou, um som cheio de tédio.

— Está aí algures um lacaio com champanhe. — Como não podia deixar de ser. O champanhe corria como água na Casa de Trevescan.

— Devo dizer, Lady Sesily — interrompeu Adelaide —, está *bastante quente*.

— Eu sei — respondeu Sesily, correndo os olhos pela multidão, notando que a cabeça loira que vigiara antes estava agora mais perto das portas que conduziam aos jardins escuros.

Não havia tempo para champanhe. A missiva para o Conde de Totting tinha sido recebida.

Sesily serviu-se de uma taça do ponche com mau aspeto. Antes de poder reintroduzir a concha na tigela, contudo, uma recém-chegada abanou-lhe o braço, fazendo com que um gomo de laranja saltasse da sua taça para a brilhante toalha de mesa branca.

— Oh não! Deixe-me ajudá-la com isso, Lady Sesily.

Lady Imogen Loveless extraiu um lenço da sua bolsinha, ou pelo menos tentou fazê-lo. Teve de o procurar, primeiro atirando ao acaso um lápis e um pedaço de papel para cima da mesa, aterrando ao lado da tigela do ponche, assim como uma pequena caixa em forma de concha com fecho dourado, que foi parar à carpete fofa.

— São só saís de cheiro — apressou-se a explicar. — Não se preocupem, eles aguentam!

Sesily ergueu as sobrancelhas para a duquesa, que observava os movimentos pressurosos de Imogen com a mesma medida de divertimento e surpresa — a última vencendo, no momento em que Imogen retirou da bolsa três ganchos de cabelo. Parecia, no entanto, saber que não devia colocar *isso* em cima da mesa, pelo que os introduziu diretamente na cabeleira desalinhada e precária. Depois lá retirou o lenço, empunhando-o triunfalmente. Estava amachucado e bordado numa grande confusão de pontos tortos, com a forma vaga de um sino. Sesily nunca tinha visto nada que combinasse tão bem com o seu proprietário.

Pousou o ponche em cima da mesa e aceitou o pano com um sorriso.

— Obrigada, Imogen.

— Não olhem, minhas queridas.

A frase veio de uma decana idosa do outro lado da mesa, flanqueada por duas jovens ingénuas de rostos pálidos, enfiadas nos seus vestidos hediondos, e que, ao que parecia, nunca tinham testemunhado aquele nível de caos.

— Oh, querida — disse Imogen, desviando o seu olhar de louca sobre uma das raparigas —, essa touca é verdadeiramente... — Perdeu a voz, depois concluiu. — Assombrosa.

Adelaide soltou uma pequena risada, quase inaudível, e Sesily simulou um profundo interesse na sua taça.

— Gosto particularmente da... — Imogen procurou uma palavra, movendo a mão numa grande oval diante da cara. — Ornamentação.

A avó das raparigas pigarreou sonoramente.

— Lady Beaufetheringstone — proferiu a duquesa, inclinando-se sobre o braço de Sesily em direção à tigela do ponche. — Posso servi-la e às suas...

— Netas — bramiu a senhora. — Seria simpático, Duquesa, porque pretendemos seguir o nosso caminho. — Baixou a voz e, de modo ainda bastante audível, disse para as jovens: — Obviamente, não era minha intenção que as duas fossem vistas *nesta* companhia.

Sesily refreou-se de declarar que as duas pobres meninas pálidas podiam lucrar com alguma cor. Ao invés, limpou a mão pegajosa e olhou diretamente para a mulher mais velha, até que o trio se foi embora, garantidamente para sussurrar sobre as pobres almas desafortunadas que rodeavam a mesa dos refrescos.

— Tenta não causar problemas — disse a duquesa muito baixinho.

— Nunca o faria — respondeu Sesily com naturalidade. — Estava só a começar o meu trabalho de fada madrinha com aquelas duas raparigas. Acho que vou convidá-las para um chá.

A duquesa ergueu uma sobrancelha.

— Tu não bebes chá.

Sesily sorriu.

— Nem elas, quando eu terminar o meu trabalho.

— Sesily Talbot, tem cuidado ou o que dizem de ti será verdade.

Evidentemente, já era tudo verdade. Ou, pelo menos, a maior parte. Ou, pelo menos, as melhores partes. Que, tristemente, eram consideradas as piores partes pela maioria da sociedade. Gostos não se discutem.

Adelaide recuou e olhou para o chão, onde as saias verde-menta de Imogen eram a única coisa que se via.

— Porque é que a Imogen está debaixo da mesa?

A duquesa suspirou para a sala cheia de gente.

— Podes censurá-la, com esta companhia?

Sesily conteve uma gargalhada.

— Novidades, Adelaide?

— Oh, sim — respondeu Adelaide. — A sua salinha de repouso é a mais agradável de Londres, Vossa Graça. Muito convidativa para uma conversa.

— É? — Perguntou a duquesa, como se falassem do tempo.

— Parece que o Visconde de Coleford está presente com a sua nova desposada.

Outras pessoas podiam não detetar o cinismo na voz de Adelaide, mas era claro como água para as suas três amigas.

Sesily lançou um olhar de surpresa à sua anfitriã.

— Está?

Coleford era um homem tremendamente agressivo, cheio de veneno e desejoso de o despejar sobre quem se aproximasse — desde que fossem mais fracos. Acabara de casar com a sua terceira mulher, tendo a primeira morrido tragicamente... sem que alguém de boa linhagem ousasse questionar publicamente a coincidência.

Como muitos dos seus pares, fora-lhe permitido desfrutar do seu poder durante demasiado tempo. E era por isso que, como muitos dos seus pares, fazia parte da lista delas.

Mas não era ele o assunto que iria ser tratado naquela noite.

— Inimigos à vista — disse a duquesa muito baixinho, ao mesmo tempo que dirigia um sorriso luminoso a um casal que passava por ela a dançar: o editor de vários dos jornais mais populares de Londres e a sua linda mulher, que Sesily conhecia por frequentar o antro de jogo mais exclusivo da cidade.

Uma adição inteligente ao jogo dessa tarde, que estava prestes a começar.

— Parece também que o Conde de Totting acompanha Matilda Fenwick esta noite. — Adelaide empurrou os óculos no nariz e abanou a cabeça, fazendo balançar os seus caracóis ruivos. — Diz-se que não tardará a ser condessa.

Tilly Fenwick, a filha mais velha de um comerciante muito rico em busca de um título, condenada a uma vida com um homem embriagado pelo poder, que destruía mulheres por desporto.

Razão pela qual a futura condessa as procurara.

Sesily examinou o salão de baile, encontrando facilmente os ombros largos que vigiara toda a noite. Do outro lado do salão, o Conde de Totting, um dos homens mais formosos de Londres — e, por acaso, também um dos piores — dirigia-se com uma graça lenta e harmoniosa para as portas abertas.

Uma brisa soprou, trazendo com ela o revigorante ar fresco de novembro.

— Está aqui um calor brutal — disse Adelaide.

Sesily estremeceu e encontrou o olhar astuto da amiga.

— Só estava a notar. Decididamente abafado.

Totting aproximou-se mais da saída.

Imogen saiu de debaixo da mesa, brandindo a caixa de comprimidos.

— Encontrei!

— Notícias maravilhosas — disse Sesily, enfiando o lenço de volta na mão da outra mulher. — Obrigada.

Imogen enfiou o lenço na bolsinha e começou a reunir os seus itens, dispersos pela mesa, o mais depressa que lhe era possível. Se alguém estivesse a observar, não veria nada de estranho ou, pelo menos, nada que não fosse típico de Imogen.

Não notariam o comprimido largado por ela no copo de *ratafia*.

Nem suspeitariam ao ver Sesily erguer o lápis e o papel da amiga desmiolada, e deitar um olhar aos números lá rabiscados.

7/10

Sete minutos, depois mais dez.

Sesily ergueu as sobrancelhas para Imogen.

— É isso?

Não era muito tempo.

Imogen pestanejou.

— Conheces Margaret Cavendish? A escritora?

— O quê?

A amiga desmiolada sorriu.

— *The Contract*. É maravilhoso. «Farei de ti um meteoro do tempo», escreve ela. Tão poético.

Imogen não conheceria poesia nem que o próprio Byron a raptasse a meio da noite. Sesily inclinou a cabeça, percorrida pela irritação.

— Esperam que eu... — interrompeu-se, baixando a voz para mais ninguém ouvir. — Em dezassete minutos?

— Digo-te uma coisa, Sesily — disse Imogen —, se alguém consegue fazê-lo, és tu. Acredito em ti.

Entrar e sair em dezassete minutos.

— Bem, nunca ninguém me acusou de não ser rápida — disse Sesily secamente.

A resposta foi um trio de risos.

— Um meteoro do tempo, dizes tu?

— Para ser franca — disse Imogen, pegando no papel e no lápis —, não avancei muito mais na leitura. Mais de dez minutos de leitura e adormeço *mortalmente*.

— Isso é terrível — lamentou Adelaide.

Era um eufemismo. A última coisa de que elas precisavam era de um cadáver nos jardins.

Mas havia algo que seria pior, pelo menos para Sesily.

— Imogen, consegues lembrar-te *do que seja* que tenhas lido tão perto da hora de dormir?

Imogen parecia totalmente deliciada ao proclamar:

— Nada de nada. Não é maravilhoso?

Sesily, Adelaide e a duquesa entreolharam-se. Sesily tinha dezassete minutos, mas seria a única que se lembraria deles.

Excelente.

Era incrível que Imogen fosse vista por toda a sociedade como uma causa completamente perdida. A sociedade raramente percebia a verdade quando se tratava de mulheres.

Sesily dirigiu o olhar para as portas. Os ombros largos tinham desaparecido.

— Já não aguento este calor.

Em resposta, Adelaide contornou o bufete de refrescos, tropeçou na ponta da toalha e caiu ao chão, arrancando um grito de surpresa de Imogen, um «Oh! Minha querida menina Frampton!» da duquesa e a atenção de toda a sala.

Conforme planeado.

Bem, a atenção de *quase* toda a sala.

Capítulo 2



De vigia na galeria superior que circundava a enorme sala, bem acima do salão de baile, Caleb Calhoun retirou uma taça de champanhe do tabuleiro de um lacaio que passava enquanto observava Sesily pegar na sua *ratafia* e, sem um olhar para a confusão que as amigas tinham arranjado no extremo da mesa, escapulir-se para os jardins escuros.

Resistiu ao impulso de a seguir.

Outro homem tê-lo-ia feito, claro. Outro homem que estivesse envolvido em negócios com a irmã mais velha de Sesily, que tivesse comprado cavalos ao seu cunhado e livros à sua irmã, e tivesse balouçado o sobrinho dela — seu afilhado — nos joelhos, sentiria a obrigação moral de segui-la até os jardins e de protegê-la de quaisquer problemas que ela estivesse prestes a arranjar.

Outro homem, um homem honrado, segui-la-ia e esforçar-se-ia para protegê-la do que quer que se escondesse na penumbra dos jardins.

Esse outro homem, esse exemplo de nobreza, lutaria pela senhora.

Mas não havia nada de nobre em Caleb Calhoun.

Sim, ele representava o seu papel, fingindo não notar a forma como ela enchia um salão com o seu sorriso luminoso e o seu encanto descarado, essa sua beleza selvagem. Fingia não notar a forma como os vestidos espampanantes lhe cingiam os seios

generosos e a curva da cintura, as ancas — plenas de pecado e de promessas.

Fingindo não reparar *nela*.

No entanto, ali estava ele, acima dos restantes foliões, a reparar nela, menos de seis horas depois de ter regressado a Londres pela primeira vez após mais de um ano, durante o qual o Atlântico tornara impossível fazê-lo.

Contudo, não lhe tornara impossível pensar nela.

De dentes cerrados, obrigou-se a desviar o olhar para a menina Adelaide Frampton, que agora atravessava o salão de baile a coxear num grande espetáculo por causa do tornozelo torcido — contudo, nada ao nível do espetáculo que Lady Imogen Loveless fazia com o seu frenético acenar de mãos e o seu repetido «Abram caminho, por favor!».

E um mar dos ostensivamente melhores e mais brilhantes seres de Londres assistia ao espetáculo de olhos arregalados.

Caleb bebeu de um trago a taça de champanhe, desejando que fosse algo mais forte. Desejando estar em qualquer sítio menos ali, naquele baile tolo, organizado por uma duquesa, onde ele nunca seria bem recebido não fosse o facto de a Duquesa de Trevescan frequentar a taberna em Covent Garden de que era coproprietário, de estar sempre disposta a divertir-se e, ainda mais, a jogar às cartas, e de achar muito divertido receber americanos ricos na casa que o marido ausente possuía em Mayfair, só para escandalizar a sociedade.

Nem hesitara quando o vira aparecer sem convite.

Caleb, de 35 anos, saíra a pulso da pobreza das ruas de Boston e tornara-se extremamente rico. Gostava de pensar que o seu sucesso provinha do facto de se sentir feliz com aquilo que lhe tinha sido dado — o dinheiro e o poder que detinha do lado ocidental do Atlântico eram mais do que suficientes para ele. Era um rei em Boston, e não tinha aspirações a assumir semelhante coroa aqui.

Por seu lado, Caleb sabia que a sua mera presença numa casa ducal era um golpe, embora só ele compreendesse as suas reais dimensões. Além de lhe dar uma oportunidade de não reparar em Sesity Talbot, o que tinha sido mais difícil de fazer nos tempos em que ela se inclinava sobre o seu balcão, servindo-se de uma garrafa do seu *bourbon* favorito.

Embora agora já não o fizesse.

Tinham-lhe dito que, agora, raramente frequentava a taberna. E ainda bem.

Que lhe interessava isso? Ele estava do outro lado do oceano.

Ela era uma mulher adulta. Muito capaz de cuidar de si própria.

Não era preocupação dele.

Praguejou baixinho, voltando a sua atenção para as portas de vidro abertas que conduziam aos escuros jardins.

Com quem iria ela encontrar-se?

Pousou o copo vazio na bandeja de um lacaio que passava.

Cerrou os dentes face à ideia, sentindo já o maxilar dorido, pois sabia que qualquer homem felizardo o suficiente para ter um encontro com Sesily Talbot não permaneceria um cavalheiro.

Mas Caleb conhecia Sesily há dois anos, e se sabia alguma coisa acerca da mulher a que Londres, por trás dos leques a abanar e nos salões de cartas secretos, chamava *Sesily*, era que ela sabia tomar conta de si própria. Ela conhecia o seu poder e exercia-o com precisão, tanto em homens, como em mulheres. Nunca a vira num sarilho que ela não pudesse evitar. Nunca a vira perdida.

Nunca a vira adequadamente emparelhada.

Ele podia ser o seu par.

Não o seria, mas podia.

Ainda assim, dirigiu-se às escadas, lançando um olhar sobre o bando de janotas lá em baixo e reconhecendo um punhado que gostava de contrabandear *bourbon*, e mais alguns que se saíam bem numa luta. Enfim, talvez nem todos vivessem sem propósito.

Caramba. Odiava Londres. Odiava a pressão que sentia quando lá estava. Cheia do passado, dos seus pecados e da ameaça de todos virem a ser revelados caso lá permanecesse demasiado tempo.

E Sesily Talbot, uma tentação que tornava a ameaça ainda mais real.

Minutos depois encontrava-se no exterior, exposto à aragem de novembro, encolhendo os ombros contra o vento ríspido que lhe chicoteava o sobretudo.

Ela não levava capa, nem tão pouco um xaile, e o vento cortante ser-lhe-ia desconfortável na pele nua.

Fazendo o possível para expulsar a pele nua de Sesily dos seus pensamentos, Caleb desceu os degraus que levavam da varanda

aos jardins escuros. Deteve-se para escutar, mesmo sabendo que era improvável que ela fosse ouvida. Mesmo que pudesse ouvi-la, o vento forte nas folhas das árvores torná-lo-ia impossível, exigindo que confiasse no seu instinto e no seu conhecimento de Sesily Talbot para ter uma hipótese de a encontrar.

Não seria difícil, visto Caleb ter passado os últimos dois anos involuntariamente consumido por tudo o que sabia de Sesily Talbot.

Ela deveria estar no labirinto.

E havia apenas uma razão para uma mulher como Sesily entrar num labirinto, numa noite fria de novembro: a companhia de alguém que a mantivesse quente.

Ficou tenso ao pensar nisso, mesmo ao recordar-se de que os assuntos de Sesily Talbot a meio da noite não eram da sua conta... nem da conta de qualquer outra pessoa. Ao longo dos anos, os escândalos de Sesily — assim como os das suas irmãs — tinham constado em todos os pasquins londrinos, tornando-a objeto de desprezo público e admiração privada. Havia tantas casas que a baniam como casas que a acolhiam com absoluto deleite.

Aonde quer que *Sesily* fosse, atraía as atenções.

Mesmo no labirinto de Trevescan, pensou Caleb, bastante irritado. Não lhe apetecia encontrar Sesily nos braços do seu mais recente amante.

Decerto não tinha interesse em ouvir os seus sons de prazer nem em ver a cor que lhe percorria a pele durante o prazer.

Sem se aperceber, relaxou o punho que cerrara ao lado do corpo.

Absolutamente nenhum interesse.

Não lhe importava minimamente com quem a mulher se ia encontrar ou o que ela fazia ao fundo deste labirinto de arbustos. Na verdade, devia voltar para trás.

Atravessou o magnífico arco da entrada.

Maldição. Não voltaria para trás.

E então, à sua esquerda, ao fundo de um caminho escuro, mal perceptível sob a luz distante do que ele assumiu ser uma tocha concebida para atrair os futuros causadores de escândalos ao destino da sua escolha, Caleb detetou movimento.

Não apenas movimento. Velocidade.

Sesily saiu da escuridão, direita a ele.

Não o viu imediatamente, estando demasiado ocupada a ajeitar as suas elaboradas saias. Depois de terminar, atirou algo para os arbustos, e o objeto refulgiu à luz do archote. O copo de ponche.

Parou de repente ao notar a sua presença, com a respiração áspera e rápida. Não de excitação, mas de cansaço.

Levou a mão ao peito, ao decote do vestido — estaria agora mais descido do que antes? A frustração abateu-se sobre ele ao percebê-lo — e ao pensar nas possíveis atividades em que ela se podia ter envolvido, para estar tão corada.

— Calhoun — disse ela com rapidez, surpreendida, e ele odiou a facilidade do seu nome na sua língua. A familiaridade, como se fosse dona do nome. Como se fosse dona *dele*, mesmo depois de meses separados. Então, ela sorriu, como se estivessem em todo o lado menos ali. Como se estivesse feliz por o ver. — Que fazes aqui?

Ele não ia responder.

— Podia perguntar-te o mesmo.

— Estás surpreendido por me encontrares a vaguear pelos jardins? — brincou ela com o seu típico tom sedutor, mas, ainda assim, com um toque de rapidez, como se tivesse outro sítio onde estar. — Tenho a certeza de que és o único.

Olhou por cima do ombro e depois de novo para ele, e então sorriu, um sorriso aberto e vencedor, oferecendo-lhe uma dúzia de coisas que ele aceitaria alegremente, se fosse um homem diferente. Se ela fosse uma mulher diferente.

Se fosse um homem diferente, contudo, Caleb podia não ter reparado no lampejo de emoção que precedeu a sedução lasciva, o deleite e a louca promessa de diversão.

Não teria reparado no medo.

Ele estava alerta, olhando para a escuridão atrás dela, desejando que o seu tom casual disfarçasse a sua raiva instantânea.

— Encontro curto.

Ela ignorou a observação, sem qualquer vestígio de nervos nas palavras, enquanto avançava para ele, tencionando passar para o outro lado no corredor do labirinto.

— Estavas lá dentro?

— Há outra opção?

— Tendo tu acabado de voltar? — Ela fez uma pausa. — Era bem possível estares tão destruído pelo tempo que levámos

separados que tivesses contornado completamente a festa e vindo logo à minha procura.

Ele cerrou os lábios, ignorando a sensação que as palavras lhe causaram.

— E esperava na escuridão, com a esperança louca de que tu aparecesses?

— Sou muito boa a aparecer quando há sarilhos.

— Acho que não sou o sarilho para o qual apareceste esta noite.

— E assim se destroem os meus sonhos de menina. — Tirou um relógio da bolsinha, viu as horas à luz do salão de baile por trás deles e tentou ultrapassá-lo. — Também vieste para um encontro? — Uma expressão de desapontamento. — Tenho de fazer algo para impedir que o meu coração se parta.

Ele ignorou a sua sedução e pôs-se no seu caminho, forçando-a a parar.

— Com quem estavas?

— Então, Sr. Calhoun — disse ela, fingindo choque —, um cavalheiro nunca perguntaria tal coisa.

— Nunca afirmei ser um cavalheiro.

Ela pôs-se a observá-lo teatralmente. O seu olhar quente lançava fogo através dele.

— E, contudo, nunca vi prova do contrário.

— Sesily... — rugiu ele num aviso.

— Lamento muito, americano, mas tenho pouco tempo.

Ele virou-se enquanto ela passava por ele e se dirigia para o arco à entrada do labirinto.

— Tens aonde estar?

— De facto, tenho aonde não estar — respondeu ela, acelerando o passo, dirigindo-se às luzes brilhantes do salão de baile.

Ela seguiu-a, apanhando-a facilmente.

— Que fazias ali?

Ela não abrandou, nem quando lhe dirigiu um sorriso largo e treinado, que teria deslumbrado um ser humano inferior.

— Uma senhora deve poder ter os seus segredos.

Ela queria que ele pensasse que existira um encontro no escuro. E os outros poderiam pensar isso mesmo. Mas ele vira a verdade nos olhos dela. Ela não queria que ninguém soubesse o que fizera naquele labirinto.

O que significava que Caleb ia ter de o descobrir.

— É justo.

Caleb parou e deu meia-volta, dirigindo-se para o labirinto mais uma vez.

— Não! — guinchou ela, voltando a olhar para o relógio na sua mão.

Ele também olhou.

— Estás com medo de perder o quê?

— Pelo contrário — disse ela, olhando para o labirinto. — Estou com medo de *não* o perder.

— Sesily.

Apenas um jorro de luz dourada vinda do salão de baile lhe permitia vê-la, vê-la realmente. Conteve uma imprecação frustrada pela maneira como o seu peito se apertou. Embora tivesse esperado o contrário, um ano longe nada fizera para travar a sua reação àquela mulher. O que, na verdade, não devia constituir uma surpresa tão grande. Porque Sesily Talbot tinha sido esculpida por anjos. Pele dourada e macia, cabelo negro, cintilante como o céu noturno, e um rosto cheio e bonito que ameaçavam desfazê-lo, enquanto, de lábios cerrados, ela considerava o que fazer a seguir.

Ele quase deu meia-volta para se dirigir de novo a Southampton — e de volta a Boston. Pelo menos, com um oceano entre ambos, não se sentiria tentado por ela.

Mentira.

Foi poupado à insistência desse pensamento ao escutar um som atrás de si. Movimento no labirinto. Seria impossível não o ouvir, porque não era gracioso, nem afetado, delicado ou clandestino. Parecia que alguém tinha soltado um animal de grande porte. Um boi ou um touro, algo que se arrastava pesadamente.

E gemia.

Ele olhou-a.

— O que é que fizeste?

— O que é que te faz pensar que tenho alguma coisa que ver com isto?

Mais tarde, ele ficaria impressionado por ela nem ter hesitado. Por lhe ter agarrado a mão, como se fosse a coisa mais normal do mundo, e o ter arrastado para a escuridão atrás da árvore mais próxima.

— A minha irmã sabe que voltaste? — A pergunta era perfeitamente normal, como se estivessem dentro do salão de baile, à mesa dos refrescos, onde as suas amigas continuariam garantidamente a espalhar o caos.

— Sabe. Fui primeiro ao Sparrow — O The Singing Sparrow, a taberna em Covent Garden que era propriedade de Caleb e da irmã mais velha de Sesily, Seraphina Bevingstoke, Duquesa de Haven.

— E eu sou sempre a última a saber — disse ela em voz baixa, virando-se para o puxar de novo para trás do tronco.

Mais tarde, repreender-se-ia por não ter resistido. Por nem sequer ter aguentado um dia naquele maldito país antes de deixar de resistir.

Mas como podia ele resistir a Sesily Talbot, quando ela se encostava a ele, lhe deslizava as mãos pelo peito, percorrendo os seus cabelos com os dedos? Afinal de contas, ele era humano.

— Não sabia que tinha de te comunicar as minhas idas e vindas.

Ele enrolou um braço na cintura dela, apertando-a de encontro a ele. Só para garantir que não se desequilibravam. Não por qualquer outra razão. Não por querê-la ali.

— Porquê começar agora? — disse ela, sendo a pergunta pontuada por outro gemido vindo do labirinto, pelo que Sesily se encostou impossivelmente a ele, alinhando os corpos de ambos de uma forma que o fez ter pensamentos violentos sobre os tecidos. — Jurei que nunca faria isto — disse ela, apertando-lhe os cabelos com os dedos, virando-lhe a cara para ela.

Ele quis resistir.

— Farias o quê?

— Beijar-te — disse ela, e, por um momento, as palavras pragmáticas fervilharam dentro dele.

Ele queria travá-la.

Mas não havia meio de travar Sesily Talbot.

Ela continuou, num sussurro, mais para si própria do que para ele, e colocou-se em bicos de pés, obrigando a mão dele a deslizar sobre a assombrosa elevação do seu traseiro.

— Não mereces isto.

Não mereço porquê?

Não merecia mesmo. Mas ainda queria saber porque pensava *ela* que ele não merecia. Não tinha razão para pensar tal coisa.

— Infelizmente... pela força das circunstâncias...

Não. Ele não ia beijá-la. Isso poderia provocar a loucura. Não importava a sensação do traseiro dela, nem a elevação dos seus seios ou a forma como a curva dos seus lábios era uma promessa, ou o facto de ela nunca protagonizar um escândalo que não lhe agradasse.

Importava que ela era irmã da sua sócia e a coisa mais próxima que tinha como amiga. Importava que ela fosse uma senhora inglesa. Que fosse filha de um conde. Cunhada de quatro dos homens mais ricos de Inglaterra, três deles com títulos veneráveis.

Importava que ela fosse um maldito furacão.

Espera lá... *infelizmente?*

— Quais circunstâncias?

O animal no labirinto praguejou, zangado e em sofrimento. Caleb queria olhar, mas ela estava ali, diante de si, com os dedos na curva do seu maxilar, inclinando-o para ela.

Ela estava mesmo ali, à distância de um sopro.

Merda. Não ia beijá-la.

Tinha quase a certeza disso.

E não o fez. Ela beijou-o primeiro.

Mas não importava quem beijara quem, porque a única coisa que importava eram os lábios carnudos e macios de Sesily, quentes e doces e perfeitos sobre os dele, e como podia ele negar-se isso? Ela estava *mesmo ali*, nos seus braços, como uma dádiva que não merecia. Uma prenda que não podia aceitar.

Mas ele não era tolo. Ia desembrulhá-la. Admirá-la. Saboreá-la.

Só por um momento.

E depois faria o que estava certo.

Os lábios dela amoleceram, abrindo-se num pequeno suspiro, e então ele saboreou-a, a sua língua deslizando de encontro à dela, ela encostando-se ainda mais a ele. Era deliciosa. Os murmúrios dela. A visão que era. A sensação de tê-la nos seus braços. E ele não queria parar, não se lembrava da última vez que se tinha sentido assim.

Como se estivesse tudo bem.

Mas, claro, nada estava bem.

— Ei!

Ela interrompeu o beijo ao ouvir esse som, alto e afrontado e próximo o bastante para distrair Caleb do seu objetivo

recém-encontrado: beijar Sesily Talbot novamente. Imediatamente. Mas, para o fazer, precisava de solidão, o que significava responder ao homem que tropeçara para fora do labirinto com a mão na cabeça, como se esta lhe doesse, e muito.

Antes de ele conseguir virar a cabeça, Sesily sussurrou:

— Não lhe dê razão para parar.

Não queria ser vista.

Caleb ficou curioso, mas sabia que não devia pressioná-la. Ao invés, apertou-a mais de encontro a si, virando-se apenas o suficiente para garantir que ela ficava oculta nas sombras.

— O que se passou?

Ela abanou a cabeça.

Fosse o que fosse, ela precisava da sua ajuda.

— Muito bem — sussurrou ele, olhando por cima da cabeça dela para o homem que se dirigia ao salão de baile.

— És tu, Calhoun? — disse o homem com voz entaramelada. — Pensei que tinhas voltado para o teu lado do oceano. Azar o nosso, acho eu. — A lubricidade infiltrou-se no sarcasmo das palavras. — A família dessa rapariga sabe que ela caiu numa esterequeira americana?

Caleb ficou petrificado ao reconhecê-lo.

Jared, Conde de Totting, um autêntico canalha. Rico e titulado, era respaldado por poder suficiente para se tornar perigoso caso se decidisse a aterrorizar alguém. E fazia-o. Tinha sido banido da taberna de Caleb pouco depois de a terem aberto; o conde era o género de homem que nunca saía de um bar sem armar uma briga, e isso era nas noites boas. As más eram a razão para metade dos bordéis de Covent Garden não o deixarem entrar.

E Sesily tinha estado no labirinto com ele.

Isso não agradava a Caleb. De facto, estava prestes a mostrar àquele canalha rico e titulado o quão pouco lhe agradava.

Os dedos de Sesily apertaram-se em redor do seu braço, agora tenso para a batalha.

— Caleb — murmurou ela o seu nome, como seda nos lábios —, por favor...

Ele podia não ter prestado atenção.

Podia ter ignorado a súplica e o aviso, permitido que o seu insensato sentido de honra derrubasse o canalha. Porém, nesse

preciso momento, o conde saiu da escuridão para o lago dourado de luz que jorrava das janelas do salão de baile de Trevescan... oferecendo a Caleb uma clara visão da sua cara.

E perceber que o que quer que ele quisesse fazer a Totting não era nada em comparação com o que Sesily lhe tinha feito.

Caleb baixou o olhar para ela, tendo o cuidado de não lhe mostrar qualquer choque no olhar.

— Por favor — disse ela, apertando os dedos como um torno no braço dele.

As palavras foram quase inaudíveis, mas ele ouviu o resto como se ela tivesse gritado. *Não digas nada*. Apesar de não poder concordar com essa parte, ofereceu ao conde o seu maior sorriso americano, um sorriso de diabólica indiferença, dizendo:

— Diverte-te esta noite, Totting.

O conde disse-lhe exatamente o que Caleb podia fazer com a delicadeza, e apressou-se a voltar para o salão de baile.

Quando o homem já não podia ouvi-los, Caleb inclinou-se para ela, o suficiente para sentir o seu calor. Para se deleitar com o seu cheiro a amêndoas doces. Mas não iria desfrutar de nenhuma dessas coisas.

Ficara lívido com o choque.

— Vais contar-me tudo — sussurrou-lhe ao ouvido. — Como paga por guardar o teu segredo.

Ela virou-se para o encarar, e a quente luz dourada dispersou-se em prata no seu rosto.

— Acho que ambos sabemos que isso não vai acontecer — disse ela. — Além disso, deixei-te beijar-me, o que deve ser pagamento suficiente...

— Foste tu quem me beijou.

Ela fez-lhe um sorriso débil.

— Tens a certeza?

— Sesily, que diabo andas tu a tramar?

Ela voltou aos seus jogos.

— O que te faz pensar que tive alguma coisa que ver com aquilo?

— O facto de seres rica e bonita, com a liberdade que advém de ambas as coisas.

— Achas que sou bonita? — perguntou ela, cheia de sedução, como se tudo aquilo fosse perfeitamente normal.

— Acho que és temerária como o raio, o que te torna incrivelmente perigosa.

Ela espreitou em redor, observando o conde que, sem qualquer suspeita, subia os degraus de regresso ao salão de baile, ignorando que tudo aquilo de que não conseguia recordar-se da última meia hora estava prestes a transformar-se em algo que nunca esqueceria.

— Perigosa para quem? — perguntou ela com naturalidade, como se estivessem noutra sítio que não aquele.

Para mim. Caleb engoliu a resposta.

— Para ti própria.

Ela lançou-lhe um olhar, depois a sua atenção regressou ao conde.

— Disparate. Fiz exatamente o que qualquer boa menina faria ao encontrar-se em sarilhos.

— E isso, que é?

Ela sorriu.

— Encontrei um herói adequado para me proteger.

Ela não era apenas perigosa para ele. Seria mesmo capaz de o destruir.

— Caramba, Sesily. Achas que ele não virá atrás de ti quando...

— Não se lembrará de nada do que aconteceu nos últimos dezassete minutos — sussurrou ela, abanando uma mão a pedir silêncio. — Olha.

Agora tinha o rosto completamente virado para o salão de baile, numa excitação pura e descarada, inegável à luz das velas.

— Está a acontecer — disse ela baixinho, enquanto Caleb seguia o seu olhar e via o conde, que de nada desconfiava, voltar a embrenhar-se na multidão.

Após alguns segundos, os leques começaram a abanar e, de todos os cantos da sala, as atenções viraram-se para Totting. Depois começaram os murmúrios, as cabeças inclinadas em conversas graves por todo o salão. E de seguida... os risos.

O apontar de dedos.

A desmoralização absoluta.

E Totting, o ébrio arrogante, não fazia ideia de que as atenções se dirigiam a ele. Estava tão confuso que se virou para trás, procurando a pessoa que, decerto, estaria atrás de si.

Foi então que Caleb viu o trabalho de Sesily sob a luz forte e gloriosa.

Na testa larga do conde, escrita a tinta escura e indelével, numa caligrafia impecável, luzia uma única palavra.

CANALHA.

Sete letras, e nada que Londres não soubesse já. Nada a que Londres não fizesse vista grossa, de que não desviasse o seu olhar coletivo, porque o dinheiro, o nome e o privilégio constituíam um poder inegável e imbatível quando se tratava de homens titulados.

Mas nessa noite Sesily vencera-o. Sesily negara-o.

E deu permissão ao resto da aristocracia para fazer o mesmo.

Caleb olhou para ela. Viu a emoção no seu rosto. Sentiu-a no seu próprio peito. Contudo, nunca o admitiria. *Orgulho.*

— Sesily Talbot, tu atrais sarilhos.

— Desaponta-me, Sr. Calhoun — disse ela num tom distraído enquanto a cena se desenrolava no desconcertante palco diante deles. — Julgava que, depois do que testemunhaste esta noite, soubesses que não tenho necessidade de atrair sarilhos.

Devia deixá-la ali mesmo. Deixá-la no escuro para que voltasse para dentro sozinha, ou para que fosse para casa ou para onde quer que as Valquírias regressavam no final das batalhas.

Devia afastar-se daquela mulher, que fora um perigo para ele desde o momento em que a conhecera.

Decerto, não devia perguntar-lhe «E porquê?».

Mas perguntou, e depois observou os seus lábios cheios e vermelhos a arquearem antes de ela se virar para responder, a pura e não adulterada satisfação nos seus olhos como um murro no estômago.

— *Eu sou* um sarilho, americano. Ainda não tinhas percebido isso?

Por vezes, não há ninguém melhor do que uma mulher para fazer o trabalho de um homem.



Após anos a ser considerada a mulher mais escandalosa de Londres, Lady Sesily Talbot decidiu abraçar a reputação e a liberdade que acompanham esse título. No entanto, a vida que Sesily escolheu está longe de ser exclusivamente dedicada à ociosidade e aos prazeres da vida... Londres está repleta de homens perigosos e vis, e as Hell's Belles, o grupo de mulheres reunido pela Duquesa de Trevescan ao qual Sesily se juntou, tem como missão identificá-los e puni-los.

Apesar de a impertinente Sesily chamar a atenção dos homens com quem se cruza, Caleb Calhoun, sócio da sua irmã, passou anos a tentar ignorar a sua presença, a sua beleza selvagem e os problemas que ela parece atrair... só que alguém tem de a manter fora de sarilhos durante as suas escapadelas noturnas.

Porém, ao ver-se envolvido num submundo perigoso, Caleb terá de lidar com um terrível segredo do passado que sempre tentou esconder — tudo enquanto procura não ceder à irresistível tentação de se apaixonar e entregar a Sesily. Irremediavelmente.



«Um romance entusiasmante e escaldante que nos dá a conhecer um gangue de mulheres deliciosamente feminista.»

Entertainment Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895649372



9 789895 649372 >